

Capítulo 1

A Redação Científica Apresentada por Editores

Piotr Trzesniak
Sílvia Helena Koller

Caríssimo(a) leitor(a), seja bem-vindo(a) ao nosso capítulo. É possível que boa parte de nosso texto seja diferente de todos os demais que você já leu sobre redação científica. É que nós, autor e autora, não somos escritores profissionais, e também não temos formação na área de letras. Somos pesquisadores e, como todos os dessa espécie, tornamo-nos escritores (será que nos tornamos mesmo?) por dever de ofício.

Então, você não vai encontrar por aqui apenas orientações acerca de *como escrever*. Embora tratemos disso, especialmente na primeira metade do texto, mantemos todo o tempo uma outra visão, e a enfatizamos na Parte 2: vamos nos preocupar e lhe contar o que acontecerá com o seu *compuscrito* (*compuscrito* é o equivalente moderno de *manuscrito*), após você encaminhá-lo a uma revista para publicação. Conhecendo e, tanto quanto possível, assumindo os papéis envolvidos na tramitação editorial de um original, um(a) autor(a) poderá melhorá-lo significativamente e, em consequência, reduzir substancialmente o tempo entre a submissão e a publicação.

19

Como referenciar

Trzesniak, Piotr; Koller, Silvia H. (2009): A redação científica apresentada por editores. In: A. A. Z. P. Sabadini, M. I. C. Sampaio, & S. H. Koller (Orgs.), **Publicar em psicologia: um enfoque para a revista científica** (pp. 19-33). São Paulo: Associação Brasileira de Editores Científicos de Psicologia; Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Direitos

Este trabalho é distribuído sob uma [licença Creative Commons](#)
Atribuição-Uso não-comercial-Distribuição pela mesma licença 3.0 Unported



■ 1 O Texto Científico: Visão (e Cuidados) do(a) Autor(a)

Escrever um texto científico é como contar uma história. O objetivo deste capítulo é dialogar com autores em potencial sobre aspectos ligados a essa tarefa. Por se tratar de um texto didático, apresenta uma linguagem coloquial e direta aos leitores, visando estabelecer um diálogo e inquietá-lo para materializar o seu texto científico. Trata basicamente de *como* e *por que* escrever e *de onde* e *o quê* publicar da história de seu trabalho científico.

Você faz uma pesquisa e, naturalmente, quer contar o que descobriu, como alcançou seus resultados e o que estes acrescentam ao conhecimento já existente. Essa é a motivação principal dos cientistas – querer que seus achados sejam disseminados e querer ser reconhecido por isso – mas somente se pode receber reconhecimento por algo que se faça muito bem. A pesquisa apenas se completa quando seu resultado se torna disponível para a humanidade. Então, escrever e publicar é parte do processo investigativo e *precisa ser muito bem feito também*. No entanto, contar bem a história de uma pesquisa exige um roteiro bastante peculiar, baseado em método, linguagem e valores específicos. Você está escrevendo uma parte da história da ciência, contando um experimento, uma investigação, desvendando um fenômeno e precisa respeitar os pressupostos que ela lhe apresenta. Só assim seu texto será realmente compreensível e adequado às expectativas de seus leitores, em geral também cientistas como você.

20

■ 2 Objetivos da Ciência e a Escrita Científica

A ciência é uma atividade coletiva, conduzida através de *métodos rigorosos e técnicas específicas*, por membros de uma comunidade de pesquisadores e/ou estudiosos. Independentemente de seu método ser quantitativo ou qualitativo, seus resultados devem ser comunicados através de uma *linguagem exclusiva*, que transmita *objetivamente* informações sobre os resultados das investigações conduzidas com *rigor metodológico*. Os valores dessa comunidade permeiam e caracterizam a ciência que ela produz. Lembre-se, no entanto, de que *a realidade vivida durante a pesquisa está acima do método*, como salienta Demo (1999). O método é usado para organizar a realidade, não o contrário. Portanto, o reducionismo científico não pode considerar real apenas o que cabe no método (Demo, 2003). Aventure-se e conte a história de sua investigação, acrescentando as potencialidades e as limitações que a tornaram possível e ainda mais próxima da realidade. *Criatividade* é uma condição esperada para que a ciência se renove! Mas ciência não é literatura poética, então aqui se fala em criatividade *científica*. Você não tem de fazer um texto *esteticamente bonito*, mas *cientificamente correto*. Uma pesquisa bonita não se caracteriza por uma linguagem retórica e rebuscada, mas pelo seu belo delineamento, assim qualificado por ser intrinsecamente rigoroso e bem descrito.

O objetivo último da ciência consiste em gerar conhecimento, cujo acúmulo promova a melhoria da qualidade de vida dos seres humanos. A história científica que você estará coescrevendo obedece a uma série de regras simples e fáceis de entender. Seu texto expressa a verdade de sua pesquisa, obtida através dos procedimentos de coleta e análise dos dados que foram utilizados para alcançar os objetivos ou responder às perguntas que a motivaram. Como pano de fundo da história que você está contando, há toda a ciência produzida anteriormente, descrita na literatura publicada, apoiando suas hipóteses e seu problema e atestando por que o estudo empreendido é relevante e se justifica investigá-lo. Demo (2003) afirma que bons resultados são frutos de uma boa “colheita”, pois “tendo à mão um bom tema, uma boa hipótese de trabalho, uma boa base teórica e metodológica, será possível realizar bem a promessa da introdução”. Você deve manter o compromisso de apresentar argumentos adequados e coletar dados pertinentes, para chegar a um bom desfecho de sua história.

■ 3 Como Escrever

Escrever ciência não é uma tarefa trivial, porque é necessário respeitar estritamente o detalhamento e a veracidade do fato que está sendo descrito. É, além disso, sempre uma tarefa desafiadora e difícil de começar. Se você não consegue escrever a primeira frase, não se preocupe! Escreva a segunda, e o seu texto fluirá. No entanto, há um caminho infalível para quem deseja aprender a escrever e quer escrever bem: *leia muito e escreva muito!* Lendo o que outros cientistas escreveram, você conseguirá nutrir o seu próprio processo criativo e gerar seus próprios textos.

Outra peculiaridade da pesquisa científica e, portanto, também do texto que a descreve (e que, como já mencionado, faz parte dela!) é que ele passará pela avaliação de *pares*, isto é, de outros investigadores. É, por isso, conveniente submeter seu original à apreciação de seus colegas de trabalho, professores e supervisores, para obtenção de avaliações preliminares. Se esses seus primeiros leitores forem seus verdadeiros amigos, como aponta Bem (2003), farão críticas construtivas e o ajudarão a ter um original mais pronto para publicação.

Um texto sempre pode ser melhorado, portanto, em nenhum momento (mesmo que o considere definitivo), tome as críticas a ele como se fossem pessoais a você. Agradeça aos revisores prévios por ajudá-lo a submeter um *compuscripto* mais aprimorado, o que, certamente, tornará o processo de tramitação editorial mais curto e fará a alegria dos pareceristas e editores. Além disso, você poderá conhecer antecipadamente algumas das possíveis reações dos leitores ao seu texto.

Se algum revisor (pré ou pós-submissão) ficar um pouco exaltado e emitir um parecer não construtivo, pergunte-se por que isso aconteceu. Desconfie, também, de revistas que não lhe enviam pareceres bem substanciados e que publicam o seu texto na forma como o submeteu. Elas o estão expondo a risco. Depois de publicado, seu artigo não pode mais ser alterado, e você não teve garantido o seu direito de tê-lo revisado e de melhorá-lo antes que ele saísse.

É unanimidade entre os pesquisadores que escrevem e leem ciência que alguns pressupostos são fundamentais para uma escrita científica de boa qualidade (Bem, 2003; Day, 2001; Sternberg, 2003). O texto científico deve ser *claro, objetivo, preciso, comunicativo e estar em linguagem correta*. Isso quer dizer que o texto científico deve ser... *científico*, e não literário ou coloquial. Toda informação que for colocada nele deve ser acessível aos leitores a que se destina, permitindo que a ciência que contém seja realmente entendida. A leitura da história de sua pesquisa precisa permitir que seja identificado exatamente o que foi feito e como foi feito, sem a possibilidade de dar margem à imaginação de seus leitores. Os outros cientistas, que aprendem com a leitura de seu texto, podem discutir o que você fez apenas em face do que está apresentado, sem ter de adicionar hipóteses ou conjecturas. Deve ser possível reconstruir seu trabalho a partir de seu relato, aproveitar suas ideias, criticar seu método, reinterpretar seus achados e conclusões. Os leitores podem até ter um momento de inspiração e se emocionar com o estudo que você descreve, mas precisam apegar-se ao seu texto para realmente entender o que sua experiência pode ensinar e o que seguir a partir dela (ou não!).

Ao contar a história de sua pesquisa, fique, portanto, alerta para que o seu texto seja objetivo. Faça uma seleção criteriosa das informações disponíveis. Inclua todas aquelas imprescindíveis para que o trabalho e seus resultados sejam bem compreendidos. Você tem de se perguntar ao longo de sua escrita se tudo que está dito é necessário e se algo que fará falta ainda está ausente. Você fez a pesquisa, ela está toda em sua memória e em seus registros. Seus leitores não o acompanharam nesse processo e precisam de detalhes relevantes para poderem entender o que você fez. Esta é uma tarefa desafiadora, pois, muitas vezes, algumas informações são tão óbvias aos cientistas que escrevem, por terem vivido o processo investigativo, que lhes passam despercebidas quando redigem o texto. Note que essas lacunas podem inviabilizar a (re)construção do conhecimento. Entregue o "ouro aos bandidos", não tenha medo! Eles saberão utilizá-lo muito bem. Pode ser mais saudável receber críticas por alguma informação dada em excesso, do que ser atacado por ter omitido informações necessárias.

Você pode mencionar também alguma tentativa que não tenha funcionado como esperado, mas tal menção *tem de ter uma finalidade científica*, não meramente alongar seu texto. Para isso, é preciso apresentar e discutir hipóteses e causas para o insucesso do que foi tentado e justificadamente desaconselhar a repetição ou apontar alternativas e modificações que possam torná-la frutífera. Porém, cuidado: a ênfase principal deve ser sempre à efetiva contribuição para a ampliação do acervo de conhecimentos da humanidade. Informações complementares ou secundárias podem aparecer, mas não ocupar um espaço tal que se rivalizem, mascarem ou enfraqueçam o conteúdo principal. Sim, a mencionada *seleção criteriosa das informações disponíveis* não é tarefa fácil, especialmente quando ainda se é iniciante. De novo, aqui, a cumplicidade de bons revisores é de grande ajuda.

Outro aspecto fundamental da escrita de um texto científico é a correta utilização das regras do idioma, da área da ciência e do veículo ao qual será feita a submissão. O uso de uma linguagem precisa evita expressões de sentido vago, que possam dar margem a diferentes interpretações (Granja, 1998). De acordo com Secaf (2004, p. 47), *precisão* e *objetividade* são condições responsáveis pela *“exatidão do texto como um todo e pelo uso de palavras e conceitos universalmente aceitos”*. Mas isso também não significa que sua linguagem tenha de ser tão específica que só os iniciados no jargão de sua área poderão entender o que está escrito. Você ganhará em comunicabilidade e precisão ao cuidar desses detalhes. E ganhará muito mais do que isso: causará uma boa impressão aos editores! Portanto, se você tiver dúvidas quanto à grafia, consulte dicionários, livros de gramática e o corretor de seu processador de texto. “Limpe” problemas ortográficos, gramaticais e de pontuação. Faça um texto sem erros, por não ter se cansado de revisá-lo.

Além disso, siga as regras de publicação da área na qual se enquadra seu texto. Se seu estudo pertence à área da Psicologia, conheça as regras da *American Psychological Association* (APA, 2001). Se você não tem o manual, consulte as melhores revistas da área, aquela para a qual você quer submeter o texto, procure normas na *Scientific Electronic Library Online* (SciELO, <http://www.scielo.org>). Não se omita por descaso. Um erro de apresentação nas normas ou na escrita culta de seu texto pode ser interpretado pelos revisores ou editores como desleixo. Mas, note, os editores não pensarão que esse desleixo ocorreu apenas com o *texto*, eles o imputarão a todo o processo de execução de sua pesquisa. Um texto “sujo”, com erros, fora das normas depõe contra a credibilidade dos cientistas que o submetem. Não se justifique intimamente, por ser um(a) pesquisador(a) bem conceituado(a), achando que isso o “autoriza” a submeter um texto desleixado, convencido de que qualquer revista quer ter seu nome entre os autores. A ciência não é terra de reis de um só olho... *míope!* Você está, de antemão, desrespeitando os seus leitores.

■ 4 Por que Escrever

Se é tão difícil assim escrever, há tantas regras, tantos cuidados a tomar, por que os cientistas insistem em fazê-lo? Bem, além de ser a publicação o último e indispensável passo da pesquisa, como foi apontado, escrever é uma questão moral e ética que deve ser atendida pelos pesquisadores. Para alguns, seria mais fácil ficar indefinidamente internados em seus laboratórios, fazendo análises, ou no campo, coletando dados. Todavia, sozinhas, essas atitudes não são científicas, pois estancam o progresso da produção e disseminação de conhecimento e apenas satisfazem temporariamente o egoísmo de um(a) pesquisador(a). Ele(a) não é um cientista e, provavelmente, não conseguirá o respeito devido em sua comunidade, assim como, afortunadamente para outros pesquisadores, ele(a) não receberá auxílios ou financiamentos para seus futuros projetos infrutíferos. Se você não publicar seus achados, eles simplesmente não existirão! Somente com muita sorte, você sobreviverá ao dilema do “publique ou pereça”! Às vezes, você assiste a outros pesquisadores apresentando resultados que você já conhecia, dizendo que esses achados lhes pertencem: *Como ousam?* Pois

eles *estão evidentes* (evidentes?) em sua pesquisa do século passado, que repousa no fundo de uma gaveta de sua mesa, ou em um arquivo perdido em seu computador. Você é provavelmente o único que os conhece no isolamento de seu laboratório ou através do gozo solitário que eles lhe propiciaram, e você não conseguiu dividi-los com o mundo científico. Não ouse lamentar e acusar outros cientistas por apresentarem resultados que você não divulgou. E tomara que você não tenha usado recursos públicos nem deseducado seus assistentes e colaboradores que participaram da execução da pesquisa e constataram que você, como coordenador(a) da equipe, não publicou seus achados!

A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa do Conselho Nacional de Saúde (CNS, 1996), ao implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, pela Resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996, postulou no Artigo IX que, na operacionalização da pesquisa, a responsabilidade dos pesquisadores é indelegável, indeclinável e compreende aspectos éticos e legais. Acrescenta que estes devem seguir os princípios da bioética, autonomia, não maleficência, beneficência e justiça, entre outros e devem assegurar os direitos e deveres que dizem respeito à comunidade científica, aos participantes da pesquisa e ao Estado. Postula ainda, no Artigo IX, que, entre várias outras tarefas relacionadas à execução do projeto e do relatório, cabe aos pesquisadores desde submeter o projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da instituição ao qual é afiliado até *encaminhar os “resultados para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico participante do projeto”* (assim como, sendo o caso, apresentar uma “justificativa, perante o CEP, da interrupção do projeto ou da não publicação dos resultados”). Portanto, não publicar os seus achados, que é uma exigência de lei, equivale a não cumprir com os preceitos éticos de sua profissão de cientista e pesquisador(a).

Além de contar a história de sua pesquisa à comunidade científica, a devolução de resultados estende-se também à comunidade participante. O Artigo III da Resolução nº 196 (CNS, 1996), sobre as exigências para a pesquisa em qualquer área do conhecimento envolvendo seres humanos, nas quais se inclui a Psicologia, informa que os pesquisadores deverão “garantir o retorno dos benefícios obtidos através das pesquisas para as pessoas e as comunidades onde as mesmas forem realizadas”. Na área da Psicologia especificamente, a Resolução nº 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2000), que dispõe sobre a realização de pesquisa em Psicologia com seres humanos, também prevê a devolução, no Artigo 15, quando trata da divulgação dos resultados. Você pode, no entanto, argumentar que o tópico de sua pesquisa não é uma demanda preponderante na comunidade onde coletou seus dados. Mas não se esqueça de que você é um profissional que tem uma formação ampla e pode atender a outras demandas que a comunidade lhe apresente. Procure identificá-las e troque com a comunidade o seu conhecimento sobre algum tema pela participação dela em sua pesquisa. Se não está ao seu alcance devolver o que é demandado, convide um(a) colega(a), explique-lhe a situação. Não “use” os participantes de sua pesquisa – troque com eles. Pode ocorrer, também, que, ao longo da execução de seu estudo, não surja a necessidade de fazer essa troca. Ainda assim, você deve levar seus achados ao conhecimento da comunidade no final do trabalho. Mas, veja bem, não estacione seu carro na frente da instituição na qual coletou os dados e entregue seu relatório aos porteiros. Entregue-o à mesma pessoa que o recebeu no início do trabalho e a quem você solicitou a assinatura para o Termo de Concordância da Instituição. Sua devolução não termina nessa mera entrega de relatório: marque uma hora para discutir seu texto, convide todos os envolvidos, sugira que leiam e, então, visite-os longamente para discutir o que a pesquisa concluiu. Lembre-se de que a interpretação de um texto escrito pode ser muito variada, especialmente quando feita por leigos. Os procedimentos de devolução, portanto, podem exigir que você escreva uma síntese estendida de seus procedimentos e resultados, com muito cuidado e clareza, mas diferente de seu relatório técnico, pois está direcionado a um outro grupo de leitores.

Não é, porém, apenas por força de lei que os cientistas devem publicar seus achados. É a disseminação do trabalho que produz o progresso da ciência. Ninguém se esquece da primeira vez que vê seu nome escrito, como autor(a) de um artigo, nas páginas de uma revista científica

(ou nas telas de um periódico eletrônico)! Este é um momento de auge dos pesquisadores. Todo seu esforço e sua dedicação à pesquisa estão estampados nas páginas do texto e poderá reverter dali em referências, consultas, citações, reconhecimento. Cada um dos pesquisadores que já passou por isso sabe exatamente qual é o sentimento. A sua publicação pode agora gerar novas pesquisas e subsidiar aplicações. É a construção de conhecimento científico que conta com a sua participação. Os pesquisadores *podem* se sentir vaidosos por seus feitos e, mais que isso, *podem* divulgar seu estudo publicado. Eles *podem* fazer *marketing* de seu trabalho. *Marketing?* Sim, isso não é pecado! Se você não acreditar e não divulgar o seu trabalho, como esperar que alguém estranho o faça? Mesmo fazendo a divulgação, é bem possível que o reconhecimento não venha como você gostaria que viesse, mas alguém certamente se beneficiará da leitura de seu texto. Assumir e fazer *marketing* pessoal são atitudes que às vezes geram críticas, mas que não devem amedrontar os pesquisadores. Na academia, com as condições de trabalho e sobrevivência a que os pesquisadores têm sido expostos, iniciar um projeto, executar uma pesquisa e publicar um trabalho são motivos de orgulho, sim. Não se mostra uma humildade que, no fundo, esconde uma hipocrisia.

■ 5 Onde e o Quê Publicar

Levando em conta todas as demandas que motivam os pesquisadores a escrever, é importante ficar atento e escolher bem o veículo ao qual submeterá seu estudo. A quem você quer se dirigir? Quem é o seu público? Você quer escrever para seus pares, para sua comunidade ou para seus alunos? O que quer atingir com seu texto: aplicações na comunidade, outros cientistas, salas de aulas? Escolha, então, um veículo que alcance as pessoas que lhe interessam, mas antes disso pergunte sobre a qualidade desse veículo, qual a sua capacidade de disseminar os seus achados, se as versões eletrônicas dos artigos vêm acompanhadas dos respectivos metadados, quais são as bases de dados que o indexam, se tem penetração nacional ou internacional etc.

O veículo selecionado para publicação dos trabalhos deve ser confiável e ter qualidade de forma e conteúdo. Veja na página da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia (ANPEPP, <http://www.anpepp.org.br>) a lista de revistas avaliadas pela área e suas classificações. Uma revista bem classificada tem melhores apresentação (normalização), gerenciamento e visibilidade. Aquelas que estão presentes em bases de dados e disponibilizadas em várias bibliotecas poderão divulgar mais amplamente seu trabalho. Atualmente, tal condição é igualmente assegurada pela veiculação em formato eletrônico, com metadados e textos integrais disponíveis na Internet.

O processo de execução de uma pesquisa pode gerar muitos textos. Um *ensaio teórico* que revisa e *problematiza* a literatura em sua área é um exemplo. As revistas não gostam de publicar meras revisões, mas um bom ensaio que questiona a literatura e acrescenta a ela tem sempre um lugar assegurado. Um *estudo metodológico* é outro exemplo de texto a ser publicado, especialmente se seu estudo propõe uma nova técnica, a revisão de alguns procedimentos conhecidos ou uma nova ferramenta de investigação etc. *Estudos empíricos* têm espaço garantido quando acrescentam novas informações ao que se sabe acerca do sistema ou do processo que abordam, ou se o enfocam sob uma visão alternativa. Também podem ser publicados *relatos de experiências*, quando descrevem sua trajetória profissional e/ou de pesquisa no contexto da realização do estudo. Há, ainda, os *estudos propositivos* que se constituem em uma novidade e que mostram passos a seguir a partir dos achados de sua pesquisa (mas claramente justificado, seja do ponto de vista de novos estudos ou de novas intervenções).

E, então, publique, mas, antes, não se esqueça das recomendações elementares: passe um revisor de texto; corrija a ortografia e a gramática; imprima em papel limpo e de tamanho unifor-

me; cuide para não derramar coca *light* nele; evite que seu sobrinho “adorado” rabisque coraçõezinhos no verso das folhas. Examine concordância, estilo, pontuação, palavras repetidas, vícios de linguagem, e assim por diante. Se as normas do veículo informam que a submissão deve ser feita por correio comum, use um envelope que acomode bem o texto, a cópia eletrônica, o registro de contribuição, a carta de encaminhamento, o parecer do CEP de sua instituição, e tudo mais que solicitarem. Se a submissão for via correio eletrônico, siga os passos, certifique-se de que seu arquivo tem tamanho adequado e não lotará a caixa postal da revista, veja se as cores usadas em figuras são as exigidas, verifique os tamanhos e tipos de letra, página e espaçamento recomendados etc. As citações e as referências a material impresso e eletrônico devem estar, também, normalizadas. Aproveite o fato de que muitos veículos disponibilizam um *checklist* em suas instruções aos autores e siga-o à risca. O trabalho estará “pronto” para ser enviado à revista quando estiver devidamente padronizado.

Veja bem, é evidente que o conteúdo científico de seu texto é fundamental, mas o material a ser recebido pelo(a) editor(a) provocará nele(a) uma primeira e imediata impressão sobre o trabalho (e não só acerca *do texto*). Esforce-se *em tudo* para que essa impressão do editor seja boa. Rejeitar um texto, porque o conteúdo não se adequou ao veículo, é sempre uma decisão difícil para o(a) editor(a), mas devolver um texto que foi enviado sem atender às normas da revista, que foram preparadas com expectativa de tornar possível o cumprimento de sua tarefa, não será assim tão penoso. Quando os editores recebem três ou quatro originais por dia útil (setecentos a mil por ano), e só podem publicar oitenta, a sua *vida* só é viável se eles rejeitarem *bem mais* da metade deles antes de iniciar o processo de análise rigorosa de conteúdo.

■ 6 A “Última” Versão

Você já alcançou (aquilo que você pensa que é) a “última” versão do texto e se prepara para submetê-la. Leia e releia mais uma vez. Uma excelente verificação da qualidade do texto pode ser garantida com uma leitura em voz alta. Não se preocupe com seus vizinhos ou co-habitantes, eles já sabem quem você é e entenderão mais essa novidade no rol de suas manias. Solicite agora a uma pessoa leiga em seu tema que leia sua “última” versão do texto. Bem (2003) sugere que a sua avó deve entender o seu artigo científico. Contudo, em uma sociedade que não mandou mulheres da idade dela (pelo menos da minha avó) à universidade, ou muitas vezes, nem à escola, talvez você não possa ser tão otimista. Mas um colega de outra área que entende o que é ciência poderá lhe fazer comentários bastante construtivos, especialmente com relação às possíveis lacunas que o texto apresenta. Solicite, então, aos *experts* para fazerem uma última leitura crítica de seu texto. Como já foi mencionado, se eles forem realmente seus amigos, farão uma leitura bem detalhada e apontarão todos os pontos que ainda podem ser melhorados. Peça a eles para fazerem o papel do “advogado do diabo”. É sempre melhor ouvir a verdade construtiva de seus amigos, do que a crítica ácida dos desconhecidos. Confie neles, não teste a sua amizade. Argumente, é claro, acerca do que você não concorda. Mas não se esqueça, seu amigo é um(a) *expert*, foi por isso que você o(a) escolheu para fazer essa leitura prévia de seu texto. Se há algo ali que não foi entendido por *experts*, apesar de seus doutoramentos e todas as premiações, é porque ou não está claro, ou objetivo, ou preciso etc. Portanto, não está bem escrito.

Pesquisar e publicar são ações indissociáveis. Uma das tarefas mais difíceis na execução de uma pesquisa é escrever. A criação de um texto exige domínio do uso da linguagem e do assunto em discussão. Muitos renomados autores um dia pensaram que jamais seriam capazes de escrever um bom artigo de revista, um capítulo, ou mesmo um livro na íntegra. Escrever para uma massa de leitores, sem dúvida, é tarefa árdua e exige habilidades especiais. Pode ser um dom para poetas e literatos, mas é, certamente, uma expressão de competência e ética para um(a) cientista.

O segredo para escrever um texto científico está mais na dedicação do que no talento. São necessários persistência e conhecimento de regras simples e padrões/normas de apresentação das informações. Escreva pensando em seus leitores. Não é possível atingir todas as audiências com um mesmo artigo, portanto eleja o seu público-alvo, antes de se aventurar na empreitada da escrita científica. Nos artigos, pense sempre muito mais no que o público anseia aprender do que em provar que você e sua pesquisa são maravilhosos – isso todos perceberão, se o trabalho for efetivamente bom. Você prefere que as pessoas lembrem e descrevam você por “produzir resultados relevantes” ou por ser “aquela criatura arrogante e desagradável”?

Não escreva pela erudição, mas para relatar as experiências singulares de suas pesquisas bem ou malsucedidas. Cuidado com a retórica, ela pode afugentar seus leitores muito antes da metade do texto (e estes nunca mais acessarão seus artigos). Cite outros autores, especialmente os que labutam no mesmo país que você. Isso deve ser um compromisso. Leitores buscam aprender com os textos que leem. Querem entrar em textos inteligentes para extraírem deles respostas para suas inquietações teóricas e metodológicas e, quem sabe, mesmo éticas. Auxilie os seus leitores a terminarem seu texto com sua autoeficácia nutrida! Relate sempre a história de sua pesquisa. Apresente novas ideias sem tentar convencer de que são definitivas e irrefutáveis. Permita que haja diálogo com você. Sua história é uma verdade da ciência contemporânea que foi obtida em sua pesquisa.

Autore seu texto! Isso mesmo, leia-o e sinta que este é um texto do qual você se apropria. Essa não é uma sensação facilmente obtida, mas é inconfundível. O trabalho é seu, você foi responsável pela totalidade da pesquisa, do início ao final, aproprie-se dele, se ainda não o fez.

■ 7 O Texto Científico: Visão (e Cuidados) dos Editores

■ As características do texto científico

O texto científico tem várias características que o diferenciam de todos os demais. Há uma que é única, embora não seja a mais importante: os cientistas não escrevem com a expectativa de uma remuneração, de uma retribuição financeira direta pelo seu texto. Isso os distingue dos poetas, romancistas, cronistas e jornalistas, que vivem, todos eles, dos textos que produzem. Os pesquisadores, não: eles vivem da *pesquisa*, são remunerados para expandir o conhecimento à disposição da humanidade, visando à melhoria da qualidade de vida. A compensação que buscam, quando publicam seus artigos, é mais que dinheiro: é reconhecimento, citações, crédito pela sua contribuição à ciência.

Isso nos leva à segunda diferenciação, a qual, porém, os jornalistas devem compartilhar com os pesquisadores: nos dois casos, é *totalmente indispensável* que o fato descrito no texto seja *absolutamente verdadeiro*. No entanto, mesmo respeitando esse aspecto básico, jornalistas e pesquisadores devem escrever de modo muito diferente, e há para isso pelo menos duas razões: a *primeira* é que o texto jornalístico não precisa relatar o fato de modo a permitir sua completa reconstituição por outras pessoas, em outros pontos do universo. Já o cientista não só relata a verdade, como precisa fornecer todos os elementos para que outros investigadores possam reproduzir seus procedimentos e corroborar as conclusões a que chegaram. A *segunda* tem a ver com *perenidade*: os pesquisadores escrevem para a eternidade, o conhecimento científico não tem um limite de validade¹. Muitas vezes, o impacto de uma nova descoberta, o reconhecimento por uma contribuição da maior relevância para a ciência, só surge anos, até décadas, após sua publi-

1 Em certo sentido, os cientistas podem se tornar imortais através de uma contribuição representativa para a ciência, e isso talvez seja ao que eles, no fundo, aspiram..., mas essa interessante questão psicológico-psicanalítica, infelizmente, não pode ser discutida neste manual.

cação inicial. Os jornalistas não têm esse tempo nem a preocupação de que seu texto permaneça. Pelo contrário, eles carecem de *imediatismo*, de *impacto*, têm de produzir efeito e consequências em curtíssimo prazo, pois o jornal de hoje já será candidato a papel reciclado amanhã. Assim, eles não retratam o fato de maneira completa, mas se concentram naqueles aspectos capazes de chamar a atenção das pessoas e despertar nelas algum tipo de emoção, da indignação ao enternecimento – bem diferente da objetividade e impessoalidade da redação científica.

■ Quando é que se está pronto para escrever um artigo científico?

Cientistas estarão prontos para escrever um artigo científico quando tiverem colecionado, em seu trabalho, um volume adequado de novos fatos relevantes, cujas difusão e utilização por outras pessoas (sejam investigadores, em outras pesquisas, sejam profissionais, na aplicação prática) impliquem direta ou indiretamente uma melhoria na qualidade de vida da humanidade. Esse é um bom enunciado, mas é também um enunciado subjetivo. O que significa *um volume adequado de fatos novos e relevantes*?² Infelizmente, não há uma resposta absoluta para essa questão. Depende da área do conhecimento e da revista para a qual se está considerando submeter o texto. Em algumas (tanto *áreas* como *revistas*), publica-se qualquer avanço, por menor ou menos significativo que seja ou que possa parecer. Isto é, o conhecimento é tratado como se todos os pesquisadores fossem *morrer amanhã* (ou até mesmo ainda hoje), e, se houver a veiculação imediata, também não haverá tempo para que ele possa surtir qualquer efeito. Já, em outras, somente são publicados trabalhos de longa maturação, com muitas informações, e que o processo editorial avalie como representativos de um avanço muito expressivo do conhecimento. Estas lidam com a Ciência como se toda a comunidade de investigação fosse *viver para sempre*, podendo esperar o tempo que for pelos resultados da pesquisa. Entre os dois extremos, cada área encontra o seu ponto de equilíbrio e, em torno desse ponto, haverá uma faixa de opções coberta pelas diversas revistas, algumas tendendo mais para um dos lados (*morrer amanhã*), outras inclinadas para o extremo oposto (*viver para sempre*, ver Trzesniak & Koller, 2004). A posição efetiva de um periódico nessa questão deve estar contemplada em sua *política editorial*.

Influi, ainda, decisivamente nos aspectos *novidade* e *relevância* da informação o momento pelo qual passa a área do conhecimento. Aquilo que hoje é uma tese de doutorado, dentro de algum tempo poderá não servir nem mesmo como iniciação científica. Um exemplo disso são os trabalhos do tipo *caracterização de sistemas*, nos quais se busca obter o panorama instantâneo de um grupo ou a configuração de um dado ambiente, através de questionário, entrevistas ou observação sistemática (*descrições não classificadas*). Durante algum tempo, isso é avanço do conhecimento, mas há o momento em que é preciso mudar a abordagem, passando (sucessivamente) a agrupar processos similares (*descrições classificadas*), identificar e refinar as variáveis (*análise*), acompanhando sua evolução temporal em estudos longitudinais, estabelecendo modelos (*sínteses*) e formulando teorias abrangentes (*síntese magnas*, ver Osada, 1972). Esse é um processo lento e gradual (de décadas em cada fase), e as transições não são explícitas. As comunidades científicas, no entanto, acabam por percebê-las e aplicá-las na avaliação de artigos para publicação, tanto no nível dos pareceres *ad hoc* (*peer review* ou revisão pelos pares) como na decisão final sobre a publicação ou não de um original.

Bons pesquisadores têm a sensibilidade necessária e conhecem sua área de atuação suficientemente bem para identificarem o momento de transformar as informações que já coletaram em um artigo científico. E existe, ainda, outro lado: *o próprio conhecimento* acumulado

2 A esse respeito, conta-se entre os editores, que um *referee*, muito delicado, não querendo magoar o autor, emitiu o seguinte parecer: "o artigo é interessante, contendo informações novas e informações relevantes. Mesmo assim, minha opinião é contrária à publicação, já que as informações relevantes não são novas. E as novas, não são relevantes...".

pelos investigadores em seu trabalho exige, impõe, o querer ser publicado. Pode-se usar, aqui, a imagem de uma gestação: há uma “gravidez de conhecimentos acumulados” que chegam a um grau de maturidade tal “que tem de ser postos à luz”... queiram os pesquisadores ou não...

■ 8 A Trajetória de um Artigo: da Preparação à Publicação

■ Preparação

Então, você, pesquisador(a), trabalhou, trabalhou, e sente que é hora de escrever seu artigo. Ou o próprio conhecimento o está pressionando a fazê-lo. Em algum momento, que pode ser anterior ou posterior à escrita, você terá de decidir para qual revista seu texto é mais apropriado, e a resposta será encontrada pela consulta à política editorial dos periódicos. Atenção, não confunda *política editorial* com as *instruções aos autores*. A primeira descreve a personalidade da revista: seus objetivos, sua vocação (ou *apenas*) acadêmica ou aplicada, seu perfil entre os extremos *viver para sempre* ou *morrer amanhã*, o papel que pretende desempenhar dentro do panorama científico, as áreas ou subáreas de interesse que abrange, o tipo de público-alvo e a filosofia, a ambição e os sonhos de seus editores e das entidades que lhe dão respaldo científico e institucional. A política editorial norteia o trabalho de todos os envolvidos na análise de seu *compuscripto*: editores, analistas do corpo científico, consultores *ad hoc*, revisores de texto, pessoal de secretaria e de apoio. É extremamente improvável que uma revista publique um artigo que não esteja de acordo com a sua política editorial.

Já instruções aos autores são mais fáceis de obedecer: trata-se simplesmente dos aspectos formais que o periódico segue, os quais podem provir de diversas fontes: entidades de normalização (como a *International Organization of Standardization* ou a Associação Brasileira de Normas Técnicas, ou a *American Psychological Association*), órgãos legais ou de regulamentação (por exemplo, os Conselhos Federais/Nacionais no que tange às questões éticas), peculiaridades da área do conhecimento e, finalmente, convicções dos próprios editores. Todas devem ser escrupulosamente obedecidas. Bons periódicos fazem do atendimento às normas um requisito prévio à entrada de um original no processo editorial: *compuscritos* em desacordo com as normas não são cadastrados como recebidos, mas devolvidos sumariamente aos seus autores. A política editorial e as instruções aos autores, que podem ser um documento único ou dois independentes, devem ser publicadas pelo menos no primeiro fascículo de cada volume de uma revista impressa, fato que deve ser anunciado em todos os demais fascículos. Caso o periódico tenha um *site*, política e instruções devem estar nele, e a revista, impressa ou eletrônica, deve mencionar e apontar essa disponibilidade de modo bastante explícito.

■ Processo editorial

Superada a barreira normativa, seu *compuscripto* será analisado pelos editores (geral ou adjuntos), que avaliarão a conformidade com a política editorial e, se estiverem de acordo, será dado como recebido nessa data e ingressará no processo editorial propriamente dito. A essência deste é a *revisão pelos pares*: o original vai para pelo menos dois pesquisadores especialistas do tema abordado, que farão uma análise, emitirão uma apreciação geral em forma de texto e farão uma recomendação à revista, que em geral será de *publicar com as alterações sugeridas*, ou *reformular e apresentar para nova avaliação*, ou *não publicar*. O corpo editorial pode acatar ou não essa recomendação. Geralmente o fará, caso receba dois pareceres convergentes. Não sendo o caso, ou ele mesmo efetuará uma análise e decidirá o destino da contribuição, ou o fará após solicitar uma terceira opinião. O trabalho é então devolvido para os autores, a fim de que tomem as

providências solicitadas, acatando as sugestões recebidas ou refutando-as fundamentalmente. E o processo segue, até uma decisão final.

O que é solicitado aos revisores *ad hoc*?

Há duas abordagens para essa questão. Pode-se encará-la inicialmente de modo geral, independente de uma área específica do conhecimento. Nesse contexto, reproduzimos a parte final de um recente editorial do *Interamerican Journal of Psychology* (Trzesniak & Koller, 2005), que se encontra sob nossa responsabilidade desde 2003. Pede-se lá que sejam levadas em consideração (na autoria e também nos pareceres) algumas questões decisivas de adequação do texto ao perfil da revista, visando antes de tudo ao interesse dos leitores.

Qual é o principal público do artigo?

Algumas opções são: pesquisadores, professores universitários, estudantes de pós-graduação ou de graduação, profissionais em serviço, especialistas de outras áreas e público em geral.

29

Qual(is) a(s) característica(s) inovadora(s) do artigo?

Algumas opções são: aborda um problema inédito, aborda de forma inédita um problema conhecido, apresenta um aspecto teórico de modo a possibilitar/facilitar o seu emprego na prática profissional, dá a uma teoria ou aplicação tratamento superior ao habitualmente empregado.

O que os leitores terão ampliado após o estudo do artigo?

Algumas opções são: o seu nível de informação dentro da área, a sua formação como especialistas da área, a sua formação como pesquisadores em geral, a sua capacidade didática, o seu elenco de alternativas de ação diante do problema prático abordado.

Que outras pesquisas poderão beneficiar-se do conteúdo do artigo?

Em outras palavras, avalie concretamente o potencial com que o artigo possa vir a ser citado como referência em pesquisas futuras.

A segunda visão do que se solicita aos consultores surge quando se leva em conta a área do conhecimento a que se dedica o periódico. A ilustração que usaremos aqui é a própria Ficha de Avaliação que elaboramos para o *Interamerican Journal of Psychology*, a qual não difere essencialmente de suas similares empregadas por outras revistas. Gostaríamos, no entanto, de destacar especialmente o último dos itens selecionáveis, o qual insistimos que todo periódico brasileiro ou latino-americano deveria incluir. Nele, pergunta-se explicitamente ao parecerista se ele tem conhecimento (e pede-se que relacione na folha seguinte, em caso positivo) de outros trabalhos de autoria de pesquisadores de idioma latino que sejam pertinentes ao tema e não estejam sendo citados. Infelizmente, identifica-se uma tendência entre os autores de citar preferencialmente artigos de estrangeiros publicados em revistas do hemisfério norte, omitindo aqueles originários dos países latino-americanos e do Caribe, mesmo quando relevantes. Isso é altamente prejudicial à ciência desses países, que investem pesadamente em pesquisa, mas não obtêm o crédito correspondente em termos de impacto. E o mais grave é que, na verdade, em muitos casos os artigos são consultados, apenas a citação não é feita, por razões que ninguém sabe explicar. Talvez seja apenas um mau hábito, que todos precisam ajudar a mudar.

FORMULÁRIO DE AVALIAÇÃO

Seu trabalho beneficiará não apenas os(as) autores(as) e a revista, porém todo o campo da Psicologia. Por favor, assinale *Sim* ou *Não* para cada um dos critérios indicados. Justifique brevemente sua resposta na coluna *Comentários* e inclua *Comentários Adicionais* na próxima página.

	CRITÉRIOS	COMENTÁRIOS
<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	O manuscrito segue as normas de apresentação da <i>American Psychological Association</i>	
<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	O problema investigado está estabelecido com clareza	
<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	O problema investigado é significativo e importante para a área	
<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	O problema investigado mostra relevância <i>Interamericana</i> (não é de interesse demasiado local)	
<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	A literatura científica pertinente está discutida de modo completo e adequado	
<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	A retaguarda teórica está estabelecida com clareza	
<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	O método de investigação é adequado	
<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	O método foi bem desenvolvido (incluindo a análise dos dados)	
<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	A apresentação dos dados está adequada	
<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	As tabelas e figuras estão apresentadas com clareza e são discutidas no texto	
<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	A qualidade dos dados está adequada	
<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	A discussão e as conclusões estão respaldadas pelos resultados e pelos dados	
<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	O texto é claro, coerente e bem organizado	
<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	Há outros estudos interamericanos mencionados nos Comentários Adicionais (próxima página) que são relevantes ao tema e podem ser citados no manuscrito	
AVALIAÇÃO GERAL: selecione, por favor (clique), o número que melhor representa sua avaliação geral. INACEITÁVEL 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5 <input type="checkbox"/> 6 <input type="checkbox"/> 7 <input type="checkbox"/> 8 <input type="checkbox"/> 9 <input type="checkbox"/> 10 <input type="checkbox"/> EXCELENTE		
SELECIONE, POR FAVOR (CLIQUE), A SUA RECOMENDAÇÃO PARA O MANUSCRITO: <input type="checkbox"/> Aceitá-lo como está ou com pequenas correções (especificadas na próxima página) <input type="checkbox"/> Recomendá-lo com as alterações especificadas na página COMENTÁRIOS ADICIONAIS PARA OS(AS) AUTORES(AS) <input type="checkbox"/> Não aprová-lo, mas solicitar que seja reapresentado. Tem potencial para publicação, mas necessita de uma revisão significativa (reescrever, reanalisar os dados etc.) <input type="checkbox"/> Não aprová-lo		

As recomendações para os(as) autores(as) devem ser específicas e construtivas ao máximo.

■ Para emitir e como receber um parecer

É importantíssimo que, todo o tempo, editores, autores e revisores mantenham o foco no objetivo primeiro e único da publicação dos resultados da pesquisa: é preciso fazer o conhecimento científico chegar aos leitores com o máximo de qualidade e pertinência. Um periódico científico deve ser o resultado de uma *cumplicidade cordial* desses três atores, rumo à excelência do conteúdo. O restante desta seção, uma adaptação do Anexo de Trzesniak (2004), intitulado *Analista e analisado*, aborda algumas características dessa sempre delicada interação.

PALAVRA FINAL SOBRE O PROCESSO EDITORIAL: QUEM SÃO OS RESPONSÁVEIS PELOS ERROS?

Analista e Analisado(a) (um código de postura)

Autor(a), aceite sem discutir o seguinte princípio fundamental: *um texto pode sempre ser melhorado*. É *obrigação* [devida a(o) leitor(a), o principal cliente da revista científica] do(a) editor(a) e dos(as) revisores(as) apontar ressalvas, aspectos pouco claros, conteúdos colocados inadequadamente nos artigos que lhes compete analisar. O problema é que *quase nunca* o(a) autor(a) gosta de comentários desse tipo – para ele(a), o que ele(a) mesmo(a) escreveu está sempre claro e perfeito. Só que isso *quase nunca* é verdade:

Analista, lembre-se de que tarefa de análise, por sua vez, para merecer confiança e credibilidade, tem de ser desempenhada com cuidado e atenção. O resultado, necessariamente construtivo e pedagógico, deve ser comunicado a(o) autor(a) com firmeza e seriedade, mas com delicadeza.

Vale a pena investir algumas linhas nas peculiaridades da relação analisado(a)-analista, como meio de prevenir eventuais mal-entendidos. Então:

- o(a) *analista* deve trabalhar com o seguinte espírito: *o que, de mim, pode ajudar o(a) autor a publicar um artigo melhor?* O(a) analista [editor(a) ou revisor(a)] é um *cúmplice* do(a) autor(a): cabe-lhe detectar eventuais aspectos menos bem colocados *antes* que o conhecimento se torne público, o que, no fim, se refletiria em prejuízo para o(a) próprio(a) autor(a);
- o(a) *autor(a)* deve partir do princípio de que o(a) analista é *seu(ua) cúmplice* e de que trabalhou dentro do espírito acima. Deve ter em mente, também, que (como já foi dito) autores(as) *sempre* pensam que o seu texto está perfeito, mas que isso *quase nunca* é verdade, de modo que lhes fica até difícil, às vezes, entender porque o(a) analista assinalou ou comentou uma determinada passagem ou construção. A recomendação, então, é de que *nunca descartem levianamente uma anotação do(a) analista*: ele(a) pode até não ter apanhado bem o *espírito da coisa* naquele ponto, mas sentiu algo estranho ali. Uma revisão é certamente necessária.

Outro ponto: o(a) autor(a) não se deve sentir atingido(a) *pessoalmente* pelos comentários. O(a) analista já está dedicando tempo e esforço para ajudá-lo(a), aquilo que escreve/diz e a maneira de fazê-lo nem sempre passam por um filtro de delicadeza. Claro, ser gentil é um ingrediente importante, mas sempre pode escapar algum comentário que pareça um tanto cáustico ou agressivo. *Com certeza, não é*. Anos de atuação como editores, como árbitros e como autores permitiram apreender (com *ee*) o suficiente da Psicologia do(a) analista e do(a) analisado(a) para poder garantir absolutamente que não há espaço para mágoas ou rancores. Tudo deve ser visto e sentido com profissionalismo, isenção e objetividade [está-se discutindo o *objeto* artigo, e não o *sujeito* autor(a)].

Sim, é incrível, mas erros ocorrem! Apesar de toda a dedicação, atenção e todo o cuidado, o processo editorial ainda deixa erros nos artigos publicados, que vão desde grafia e concordân-

cia, passam pela normalização e chegam até o próprio conteúdo científico. Vamos nos manter apenas nos erros involuntários, descartando os que resultem de ações de má-fé, como procedimentos não éticos ou fraudes deliberadas.

Tecnicamente, o grande responsável por todas as imperfeições de uma revista científica é o(a) seu(ua) editor(a), mas não abrimos esta seção para apontar culpados(as). Nosso propósito, sim, é contribuir para que os erros se reduzam e, eventualmente, deixem de existir. Claro que isso não se consegue “caçando bruxos(as)”, porém sugerindo procedimentos, posturas e atitudes. Pois, então, afirmamos: seja qual for o envolvimento da pessoa com um original, seja ela autor(a), editor(a) responsável, revisor(a), diagramador(a), impressor(a), secretário(a) ou telefonista, *ao perceber um erro, deve chamar a atenção do responsável para corrigi-lo*. Pois todos são responsáveis pela qualidade do produto final, pela forma e pelo conteúdo da ciência que é entregue aos leitores. Quando o(a) editor(a) consegue transmitir esse espírito à sua equipe de trabalho, não será preciso procurar responsáveis por erros, porque estes, simplesmente, deixarão de existir.

Referências

- American Psychological Association. (2001). *Publication manual of the American Psychological Association* (5th ed.). Washington, DC: Author.
- Bem, D. J. (2003). Writing the empirical journal article. In J. M. Darley, M. P. Zanna, & H. L. Roediger III (Eds.), *The compleat academic*. Washington, DC: American Psychological Association. Recuperado em 02 de março de 2006, de http://dbem.ws/online_pubs.html
- Conselho Federal de Psicologia. (2000). *Resolução nº 016*. Recuperado em 02 de março de 2006, de www.pol.org.br/legislacao/resolucoes.cfm?in_startrow=11&ano=2000
- Conselho Nacional de Saúde. (1996). *Resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996*. Recuperado em 01 de março de 2006, de <http://www.datasus.gov.br/conselho/resol96/RES19696.htm>
- Day, R. A. (2001). *Como escrever e publicar um artigo científico* (5a ed.). São Paulo: Santos.
- Demo, P. (1999). *Conhecimento moderno. Sobre ética e intervenção do conhecimento*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Demo, P. (2003). *Vícios metodológicos*. Recuperado em 02 de março de 2006, de <http://pedrodemo.sites.uol.com.br/textos/viciosmetodologicos.html>
- Granja, E. C. (1998). *Diretrizes para a elaboração de dissertações e teses*. São Paulo: Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- Osada, J. (1972). *Evolução das ideias da física*. São Paulo: Edgard Blücher.
- Secaf, V. (2004). *Artigo científico: do desafio à conquista* (3a ed.). São Paulo: Green Forest do Brasil.
- Sternberg, R. J. (2003). *The psychologist's companion* (4th ed). Cambridge, MA: Cambridge University Press.
- Trzesniak, P. (2004). Qualidade e produtividade nos programas de pós-graduação: a disciplina seminários de dissertação. *Revista Brasileira de Pós-graduação*, 1, 111-125. Disponível em http://www.capes.gov.br/rbpg/portal/conteudo/111_125_qualidade_e_produtividade_nos_programas.pdf
- Trzesniak, P., & Koller, S. H. (2004). Vivir para siempre pero mañana morir: la paradoja de la literatura científica [To live forever and tomorrow to die: A paradox of the scientific literature]. *Interamerican Journal of Psychology*, 38, 147-149. Disponível em <http://www.psicorip.org/>
- Trzesniak, P., & Koller, S. H. (2005). A difusão do conhecimento: editores e a comunidade científica [Diffusion of knowledge: Editors and the scientific community]. *Interamerican Journal of Psychology*, 3, 1-4. Disponível em <http://www.psicorip.org/>

